

MICROS

GUIA DA MICROEMPRESA

Brasil é o país mais empreendedor do mundo

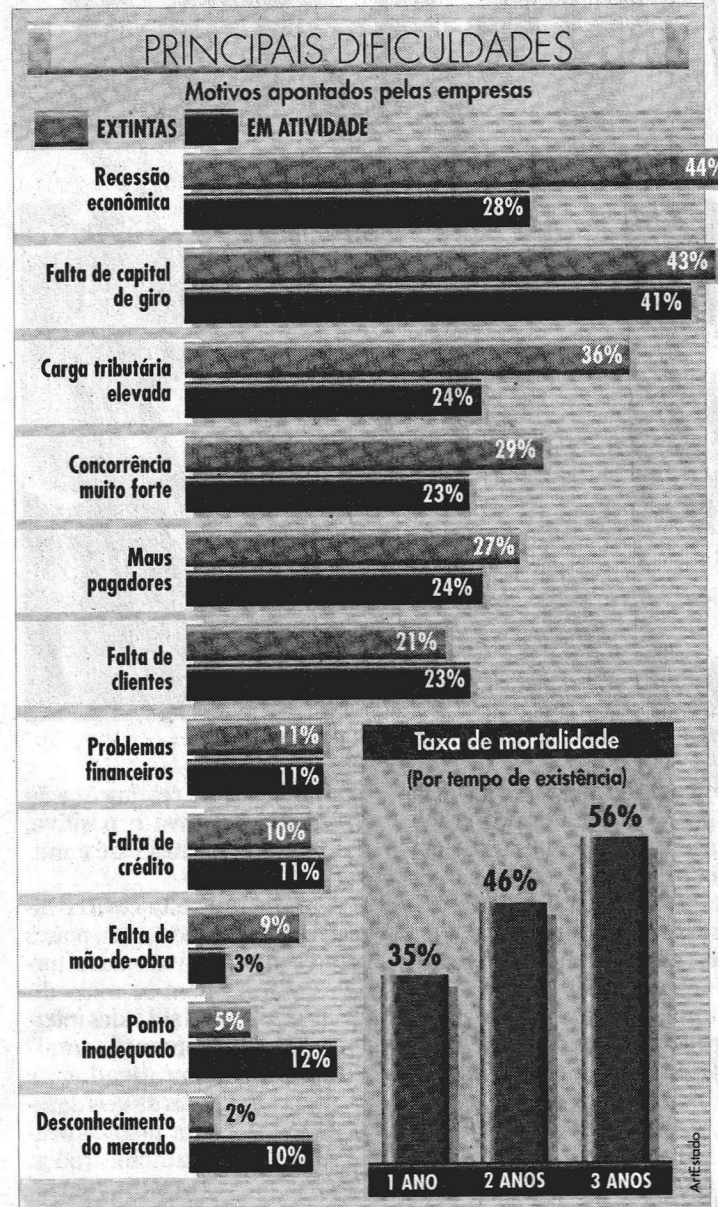
Mas metade das empresas fecha antes de completar três anos

FERNANDA MEDEIROS
e LEONARDO GOULART

O Brasil é o lugar com a população mais empreendedora do mundo, segundo uma pesquisa feita pela consultoria Ernst & Young em 21 países. Superou, para o espanto de muitos, até os Estados Unidos, terceiro colocado na lista. De acordo com dados do estudo, o País tem 16% da População Economicamente Ativa (PEA) envolvida na abertura de empresas, à frente de Canadá, Itália, Alemanha e Reino Unido (veja quadro ao lado). "Várias empresas de tecnologia surgiram a partir de 1998, e isso ajudou a puxar o Brasil para o primeiro lugar", diz o consultor da empresa no País, Marcelo Gomes. "O alto índice de terceirização também contribuiu."

A pesquisa considerou as empresas com mais de dois anos de vida. O maior número delas está nos setores agroindustrial, de alimentação, bebidas e tecnologia. A idade dos empreendedores também ajudou o País no ranking. Por aqui, explica Gomes, há muitas companhias abertas por pessoas que têm entre 18 e 25 anos. "É uma característica brasileira. Em outros países essa parcela da população não é tão empreendedora. Quantas vezes se ouve, por aqui, que a melhor saída é ser dono da própria empresa? Nos Estados Unidos, os jovens querem ser empregados de grandes corporações."

Continuidade - A verdade que está por trás da pesquisa, no entanto, não revela ne-



nhum dado otimista ou de franco desenvolvimento. O País, de acordo com um estudo do Sebrae, é um dos campeões no número de empresas fechadas antes de completarem três anos de atividade. Já nos primeiros 12 meses, 35% delas deixam de funcionar. No segundo, esse número salta para 47% e no terceiro para 56%.

As causas para a falta de continuidade na capacidade empreendedora do brasileiro são variadas, mas os consultores concordam: a população não encontra espaço no mercado de trabalho. Além disso, a falta de experiência prévia para administrar funcionários e o pouco capital de giro, aliados à dificuldade em entender a vasta legislação, aca-



bam por completar o quadro, na maioria das vezes, desastroso. "Apesar da existência de órgãos como o Sebrae, há

na verdade uma lacuna muito grande deixada pelo governo, que não investe efetivamente no preparo dos novos

empresários", diz o professor da Fundação Getúlio Vargas, Francisco Guglielme. "Há também um erro de cultura. As pessoas acham que todo empresário é rico, mas a elite bem-sucedida é apenas uma pequena camada da população", afirma.

As empresas que vivem na ilegalidade e não participam das estatísticas são outro problema. "O governo não entende que boa parte das empresas clandestinas continua assim porque vai falir se tiver de pagar impostos", explica.

Outro contra-senso está no fechamento das empresas. Muitas delas, para a Junta Comercial, continuam funcionando mas, na verdade, não existem mais. O que ocorre é que a burocracia e a falta de dinheiro acabam esbarrando na legislação. "Como alguém que está falido vai conseguir pagar taxas e honorários ao contador?", pergunta.

Não é à toa que, segundo a mesma pesquisa do Sebrae, 61% das empresas não deram baixa na Junta Comercial. Muitos empresários continuam até pagando impostos na esperança de recomeçar o negócio. Outros juntam as últimas economias para encerrar de vez as atividades.

Depois de passar três anos tendo problemas com contêineres de móveis importados, a decoradora Ana Lucia Depauw desistiu de ser proprietária de uma loja de objetos trazidos da Indonésia. Investiu mais de US\$ 70 mil e não conseguiu vender nem um terço das mercadorias. "Só não foi pior porque não tinha empregados", conta a ex-empresária que agora, aos 52 anos, estuda para ser guia de turismo. "A alta do dólar acabou com os meus planos e eu sofri muito com a derrota."